

## A RESISTÊNCIA – UMA LEITURA À LUZ DO TALMUD

Sheila Kaplan (UFRJ)<sup>1</sup>

**Resumo:** Conhecer a origem do irmão adotivo, nascido na Argentina à época da ditadura militar, faz de *A resistência*, de Julián Fuks, um romance construído sobre uma investigação, que se revela mais interpretativa do que documental. A leitura da obra, a partir da tradição hermenêutica hebraica, desenvolvida por gerações de talmudistas, permite ressaltar este aspecto interpretativo, que atravessa e estrutura o romance.

**Palavras-chave:** Literatura brasileira; Talmud; Hermenêutica hebraica

Ao ler um texto à luz de um outro texto – no nosso caso, a escolha do Talmud como uma referência para a nossa leitura do romance *A resistência*, de Julián Fuks – há sempre inúmeros riscos, sendo o maior deles o de uma conexão forçada, uma análise com mão pesada e fixidez no olhar, que, no lugar de expandir, aprisionaria o texto em foco. Ciente deste risco, procuramos que o Talmud nos sirva para abrir caminhos analíticos, em conformidade à sua forma e organização complexas, ampliando a leitura, buscando não encerrá-la em emolduramento rígido.

E por que usar o Talmud, a lei oral judaica, para ler um texto que não é voltado à temática relativa ao judaísmo? É certo que, no romance de Fuks, o pai do narrador, como exposto em breve passagem do livro, tem ascendência judaica, mas não se prende a este fato tal escolha, e sim à própria estrutura da narrativa. O livro se constrói sobre um esforço interpretativo, a exegese de um acontecimento – a verdade sobre a adoção do irmão do narrador. A busca por compreender o que esteve na origem deste acontecimento e suas repercussões no presente segue, em consonância com o pensamento talmúdico, “uma hermenêutica rigorosa e ininterrupta à procura de sentido que está sempre mais além” (PAIVA; MOREIRA, 2013).

Se *A resistência*, como boa parte da literatura contemporânea brasileira, insere-se na vertente da autoficção, evidência confirmada pelo seu autor em diversas ocasiões, desviamos desse viés de análise, pois, mais do que pontuar e problematizar as coincidências entre autor e personagem, interessou-nos acompanhar o fluxo subterrâneo à narrativa, o que a organiza e movimenta. E nessa leitura, entre inúmeras possíveis, o que encontramos é uma narrativa que se move por meio de interrogações,

---

<sup>1</sup> Doutora em Letras (PUC-Rio). Contato: sheilakaplansk@gmail.com

<sup>2</sup> A esta compreensão mais literal (*pshat*) do texto bíblico, seguem-se as camadas alusiva (*rémez*),

indagações que desembocam em outras indagações. As perguntas incessantes, o escrutínio obsessivo de cada palavra, a reflexão permanente sobre a própria construção do livro, as dualidades que o constituem, o raciocínio que avança por meio de ditos, desditos e interditos – são estes elementos do romance que nos remetem a uma lógica também presente na tradição interpretativa judaica, aqui contemplada em seu aspecto textual.

Começando por seu plano mais epidérmico – o que, na hermenêutica hebraica, corresponderia ao *pshat*<sup>2</sup>, o primeiro nível essencial de compreensão da escritura bíblica –, *A resistência* é um romance sobre o sentido que pode ter a adoção de uma criança, em particular quando o contexto em que esta adoção acontece é o de uma ditadura, no caso, a argentina, que, entre seus feitos mais cruéis, deixou centenas de órfãos de prisioneiras políticas torturadas e mortas, que foram adotados por outras famílias. É a partir desse conhecido fato histórico que o narrador vasculha não só a possível origem do seu irmão mais velho, mas busca um sentido para seu comportamento esquivo, recluso e intratável, sua distância em relação à família (“eu não sou como vocês”, diz o irmão), sua revolta (FUKS, 2015, p.99). Poderia ser, aquele irmão, filho de um dos desaparecidos, de uma mãe assassinada durante a ditadura militar?

A partir desta indagação essencial, que já aponta para o elo indissociável entre história pessoal e política, é que se dá a discussão do livro, em que esses planos, imbricados, desdobram-se em questões como as relações familiares, a ditadura na Argentina, o exílio no Brasil, a memória embaçada, talvez inventada, sobre os reflexos desses acontecimentos na vida da família e a autoreflexão permanente sobre o valor da escrita como forma de conhecer e dar conta do que realmente se passou e se passa, em especial no âmbito do que pensam e sentem os personagens.

Foi o próprio irmão que pediu ao narrador que um dia escrevesse sobre “ser adotado” – informação que o leitor terá quase ao final do livro, em capítulo definido como o “clímax da nossa história” (FUKS, p.126). Frente ao apelo, ele tinha diante de si inúmeras estratégias narrativas possíveis – do romance psicológico ao *thriller* – mas foi o caminho exegético o que escolheu para desvendar o mistério da origem e o

---

<sup>2</sup> A esta compreensão mais literal (*pshat*) do texto bíblico, seguem-se as camadas alusiva (*rémez*), exegética (*drash*) e secreta (*sod*), compondo estes quatro níveis de leitura o *pardés* (paraíso ou pomar, em hebraico). (OUAKNIN, 1996, p.68).

que percebia como não pertencimento do irmão, fantasma que desde sempre lhe assombrara. Nesse caminho, tudo transforma-se em signo que exige interpretação: um olhar desviado numa foto, a rejeição à comida, o arremesso de uma maçã, uma cicatriz no peito.

De signo a signo, o livro constitui-se como uma imensa interrogação. Sejam “perguntas vãs” ou “inconsequentes”, como cogita o narrador, ou ainda “inoportunas”, “despropositadas”, “insensatas”, as indagações se multiplicam e se desdobram até desembocarem no questionamento do próprio livro: “valerão algo estas páginas”?, questiona-se (FUKS, p.138).

Na escritura bíblica, como observam Amós Oz e Fania Oz-Salzberger, há a onipresença de indagações, e isso ainda que não houvesse no hebraico clássico o ponto de interrogação. O próprio Deus, dizem os autores de *Os judeus e as palavras*, aparece como um grande interrogador. “Há questões gigantescas e questões ínfimas”, escrevem. “Para os talmudistas, com sua insaciável curiosidade legalista, nada era pequeno demais para deixar de ser examinado” (OZ; OZ-SALZBERGER, 2012, p.46).

A sequência interrogativa que atravessa o romance de Julián Fuks e, de certo modo, o estrutura denota uma crença de que o desvelamento do real possa se dar via racionalidade. O narrador reconhece tal propensão, mas, como ele conta, viu-a abalada ante uma anedota que seu pai costumava contar. A parábola paterna, imaginada por “algum narrador inexato de um tempo remoto”, fechava muitas das refeições em família durante a infância. Tinha como mote que quatro pessoas eram necessárias para preparar uma salada – um avarento, um pródigo, um sábio e um louco:

Ao avarento cabia despejar uma quantidade parca de vinagre, ao pródigo esbanjar no azeite, da quantidade acurada de sal ocupava-se o sábio, e o louco ali chegava para misturar tudo com entusiasmo. (FUKS, 2015, p.45)

Um dia o filho, intrigado, resolve perguntar porque o sábio, sozinho, não podia desempenhar todas essas funções. Como resposta, o pai apenas ri, complacente. Desse riso silencioso, o narrador apreende uma lição quanto a seu “excesso de estima pela sabedoria e pela racionalidade”.

Se com os pais, ambos psicanalistas, ele aprendeu que “todo sintoma é signo”, a parábola, com seu vigor de relato hagádico, alerta-o de que não será apenas com a razão que poderá decifrar o enigma da adoção do irmão. A ida ao apartamento em que

seus pais viviam na década de 1970 em Buenos Aires e onde o irmão passou seus primeiros dias, a visita ao Museu da Memória na busca de uma fisionomia familiar nas fotografias de desaparecidos ou à sede das Avós da Praça de Maio não serão suficientes para preencher os vazios da história que quer compor. Será preciso também auscultar o corpo que grita, suas dores, cicatrizes, o seu silêncio. O narrador compreende que a verdade alcançável, a partir da obscuridade da memória e de imagens turvas, será sempre precária. Ele reflete:

Com esses escombros imateriais tenho tratado de construir o edifício desta história, sobre alicerces subterrâneos tremendamente instáveis. (FUKS, 2015, p.90)

Entretanto, segue interrogando – e como diz Gérard Haddad a respeito do *sod*, quarta e última camada da hermenêutica hebraica, correspondente ao segredo, frente ao enigma resta interrogar sem esperanças – mas não sem riscos – em busca de seu semi-dizer, isto é, de seu dizer possível. O narrador do romance, consciente do solo oscilante em que se movimenta, segue interrogando, pois acredita que o questionamento pode ser uma forma de resistência. “Quanto do aprender a resistir não será aprender a perguntar-se?”, ele se interroga.

Logo nas primeiras linhas de *A resistência*, ao tentar falar do irmão, o narrador como que sopesa a palavra “adotado”, revirando-a de vários ângulos, pois nenhum lhe parece corresponder ao que quer expressar. Se diz simplesmente “meu irmão é adotado”, está cristalizando e essencializando tal condição como se esta, por si só, desse conta de definir quem é este indivíduo que vem a ser seu irmão. Estaria assim reforçando o estigma que a palavra “adotado” evoca. Cogita então que poderia usar o verbo no passado: “meu irmão foi adotado”. Mas também desse modo estaria falseando a realidade, pois o irmão só se tornou seu irmão no instante em que ele nasceu, anos mais tarde. Decide, por fim, pela fórmula “meu irmão é filho adotivo”, concluindo que “há uma tecnicidade no termo, filho adotivo, que contribui para sua aceitação social”. (FUKS, p.10)

A busca do termo exato, a revisão incansável, o jogo de letras e palavras são procedimentos comuns à hermenêutica hebraica. São estas operações pertinentes ao *drash* (de *darosh*, argüir, em hebraico), o extrato de interpretação mais significativo,

matéria-prima do *Midrash*,<sup>3</sup> em que cada letra do texto é examinada a fim de extrair sua inesgotável significação.

A origem de tal procedimento vem da ausência de vogais no hebraico, da raiz triconsonantal da língua, que faz do texto, conforme Umberto Eco, “um tecido de espaços em branco, de interstícios a serem preenchidos”. (OUAKNIN, 1996, p.212). A ausência de vogais impede o significado único e cada palavra traz assim um sentido mutante conforme modifiquem-se os pontos vogais sobre uma mesma raiz. Os jogos de aproximação homofônica abrem um amplo campo de significações, reforçando o caráter antidogmático do Talmud. Qualquer inicial promete abrir uma via nova, como diz Agamben (2012, p.53).

Quando Fuks escava sendas em torno da palavra adoção, corrigindo-a até que seu significado torne-se o mais preciso e neutro, dá mostras de que, a despeito do terreno “tremendamente instável” que percorre, procura valer-se de um arcabouço textual ordenado e lógico, tal como na *Guemará*,<sup>4</sup> em que o aparente caos dos comentários não impede o uso meticuloso de cada palavra.

Também a palavra resistência, que dá título ao romance, é empregada em contextos variados e com significados distintos. Ao lado da resistência à opressão política, que forçou os pais do narrador ao exílio, há outras formas de resistência, como a decisão de querer um filho apesar de tudo, como a atitude do filho adotivo em sua recusa ao contato e à comida, como a compreensão do narrador de que é imprescindível aprender a perguntar-se.

Quase ao final do romance, o narrador entrega o livro – este mesmo que o leitor está lendo – para que os pais o avaliem. O pai não esconde o incômodo com a exposição excessiva a que o livro submete a família. “O que se ganha com uma descrição tão minuciosa de velhas cicatrizes, o que se ganha com esse escrutínio público dos nossos conflitos?”, pergunta. Mas reconhece “que a duplicidade não se restringe a nós, que o livro também é duplo em cada linha”.

A duplicidade a que se refere o pai é a constatação de serem ao mesmo tempo leitores e personagens, de simultaneamente se reconhecerem e se estranharem

---

<sup>3</sup> Interpretação dos textos bíblicos.

<sup>4</sup> A *Guemará* é o comentário sobre a *Mishná*. São discussões mais extensas registradas em aramaico entre os secs IV e VI e, embora seu principal objetivo seja interpretar e comentar um livro de lei, é, ao mesmo tempo, uma obra que vai além da legislação e sua aplicação prática.

naquelas linhas. Mas a duplicidade mais contundente no livro é a do confronto entre o dizer e o não dizer que perpassa a narrativa. Já na primeira linha do relato, o narrador afirma: “*não* posso e *não* quero dizer que meu irmão é adotado”. E em vários outros momentos, a negativa se repete, com ligeiras variações, como as inúmeras passagens em que diz: “me pergunto, embora não deva”. Sobre esta interdição, ou melhor, a desobediência a esta interdição, se constrói o romance, aquilo que o narrador não pode e não quer dizer e no entanto diz.

Frente ao entremeado dito, desdito, interdito, a pergunta natural seria: o que impede sua fala? O delicado tema da adoção? Medo de ferir o irmão, aprofundar sua cicatriz? A transgressão dos limites familiares ao tornar públicos seus dramas íntimos? Mas talvez não seja esta a pergunta certa. A interrogação mais produtiva está possivelmente na pergunta inversa. Não o que o *impede*, mas o que o *impele* a dizer, a perguntar. Por que, apesar de não querer e não poder, o narrador *precisa* contar essa história? Que imperativo o move?

“O estudo rabínico adora dualidades”, afirmam os autores de *Os judeus e as palavras*. Há os dois Talmudes – de Jerusalém e da Babilônia –; a tradição do estudo em pares; o caráter dialógico, sempre aberto à contestação, da exegese rabínica (*Mahloket*)<sup>5</sup>; os dois polos dialéticos internos que compõem o Talmud, a *Halachá*<sup>6</sup> (a seção normativa, legalista) e a *Hagadá*<sup>7</sup> (os relatos, inspirações); a vertente mística e a racionalista. Também se lê em seu emaranhado textual a enunciação simultânea do dizer e do desdizer. É isso que, no Talmud, sugere Ouaknin, “permite que o mundo não seja encerrado nas condições de sua enunciação. Uma outra palavra é sempre necessária para apagar o que acaba de se dizer e impedir que se torne dito”. E citando Lévinas: “O dizer deve imediatamente ser acompanhado de um desdito e o desdito deve ainda ser desdito à sua maneira, e aí não há paradas, não há formulação definitiva” (OUAKNIN, 1996, p.22).

O que move o narrador no romance, então, arriscamos, é uma resistência ao calar, a necessidade de, tal como o fizeram gerações de mestres talmúdicos, “deslindar, elucidar, explicar e contraexplicar” (OZ; OZ-SALZBERGER, 2012, p.

---

<sup>5</sup> *Mahloket* – discussão entre dois mestres sobre mesmo tema.

<sup>6</sup> Halachá (do verbo *halóch*, caminhar), a jurisdição obrigatória do judaísmo, ao mesmo estável e reformável.

<sup>7</sup> Hagadá são os relatos, que trazem uma elaboração emocional, intuitiva e artística dos assuntos que a halachá discute em seu formato legalista.

34). Há, ainda, o imperativo ético de não fugir às indagações mais sensíveis e cruciais, sob o risco imenso do que podem acarretar, e o dever de transmissão, mesmo sabendo que toda interpretação será sempre incompleta e provisória.

Depois de ler o livro e expressar seu desconforto, o pai pergunta – e só então é enunciado o nome deste narrador, que não coincide com o do autor – se não teria sido preferível manter o escrito dentro dos limites familiares, como – nas suas palavras – “um texto que lêssemos juntos, interpretássemos, discutíssemos?”. Quase uma proposta talmúdica, poderíamos aventar.

Não se pode afirmar se Julián Fuks leu o Talmud. É provável que não. Ao dirigir a mesma pergunta a Freud, Gérard Haddad, em seu livro sobre as fontes talmúdicas da psicanálise, deduz que este também, embora profundo conhecedor da Bíblia, possivelmente não tenha estudado a literatura rabínica. Ainda assim, argumenta Haddad, “cada judeu está ligado a esse livro por mil canais, de cuja existência ele sequer suspeita”.

Se, em *A resistência*, a ascendência judaica do pai do narrador é mencionada como algo remoto – ele seria filho de “um lendário Abraham” e “uma tal Ileana”, que assustados com o antissemitismo migraram na década de 1920 para Buenos Aires –, a proximidade com a psicanálise, profissão tanto do pai como da mãe, nos permite pensar que, mesmo que indiretamente, endossando a tese de Haddad, a exegese talmúdica lhe seria de algum modo familiar.

A investigação sobre o irmão, a procura de algo que desse sentido à vida desse filho adotivo, são questões, ele acaba entendendo, na verdade dirigidas a si mesmo, é o seu próprio pertencimento que o assombra. Percebe enfim: “Sou eu, e não ele, que desejo encontrar um sentido, sou eu que desejo redimir minha própria imobilidade, sou eu que quero voltar a pertencer ao lugar a que nunca pertenci”.

Ao final de sua longa indagação, entre o “apego incompreensível à realidade e uma inexorável disposição fabular”, entrecruzando história, biografia e ficção, o narrador conclui que “nada me restituirá lugar algum”. Tal conclusão não é garantia, porém, de que o itinerário se cumpriu, de que a interpretação não possa refazer-se mais à frente. Como na vocação talmúdica, a indagação não tem fim. É preciso sempre, como diz o narrador em *A resistência*, “forjar sentidos que a vida se recusa a dar” (FUKS, p.137).

## Referências bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. *Ideia de prosa*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

BIALER, Dario E. O Talmud. *Revista Devarim*, Ano 11, No 29, Abril de 2016.

FUKS, Julián. *A resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

HADDAD, Gérard. *O filho ilegítimo*. As fontes talmúdicas da psicanálise. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

OUAKNIN, Marc-Alain. *The burnt book: Reading the Talmud*. Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1995.

OUAKNIN, Marc-Alain. *Biblioterapia*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

OZ, Amós e OZ-SALZBERGER, Fania. *Os judeus e as palavras*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

PAIVA, Paiva, Márcio Antonio; MOREIRA, Ubiratan Nunes. “O Messias sou eu”: a hermenêutica da religião em Lévinas. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 11, n. 29, jan./mar. 2013.

PFEFFER, Renato Somberg. Pensamento talmúdico e paradigma hermenêutico. *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*. Belo Horizonte, v. 10, n. 19, nov. 2016. ISSN: 1982-3053.